



1879 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 09 - Currículo

FLUXOS DE UM CURRÍCULO MOLARIZADO: O GRÊMIO ESTUDANTIL COMO MÁQUINA ABSTRATA DE ROSTIDADES
Amarildo Inácio dos Santos - FURB - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU
Gicele Maria Cervi - UNIVESIDADE REGIONAL DE BLUMENAU
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado cujo objeto é o currículo. Experiências vividas na docência e o referencial teórico abaixo mencionado dispararam a questão: cotidiano escolar, currículo e rostidades, o que está acontecendo ali? A cartografia mostrou alguns territórios existenciais na escola e essa foi a pista seguida. Para fins de análise, considerou-se, apenas um dos territórios mapeados, o Grêmio Estudantil, habitado pelo pesquisador nos meses de novembro de 2017 e fevereiro de 2018. O objetivo é problematizar o território existencial cartografado como máquina abstrata de rostidades. A metodologia utilizada fundamenta-se nas teorias pós-críticas e as ferramentas de produção dos dados foram o diário de campo e o estatuto do Grêmio Estudantil. O campo conceitual compõe-se de autores como: Deleuze, Guattari, Rolnik, Kastrup, Filordi de Carvalho, Gallo, Carvalho e Ferraço. A cartografia mostrou que o Grêmio Estudantil assume a rostidade participativa como norma e a torna o rosto elementar a partir do qual se produzirá a rostidade não participativa. O território existencial cartografado, reproduz o projeto normalizador do currículo à medida que funciona como máquina abstrata de rostidades.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Currículo. Rostidades.

FLUXOS DE UM CURRÍCULO MOLARIZADO: O GRÊMIO ESTUDANTIL COMO MÁQUINA ABSTRATA DE ROSTIDADES

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado cujo objeto é o currículo. Experiências vividas na docência e o referencial teórico abaixo mencionado dispararam a questão: cotidiano escolar, currículo e rostidades, o que está acontecendo ali? A cartografia mostrou alguns territórios existenciais na escola e essa foi a pista seguida. Para fins de análise, considerou-se, apenas um dos territórios mapeados, o Grêmio Estudantil, habitado pelo pesquisador nos meses de novembro de 2017 e fevereiro de 2018. O objetivo é problematizar o território existencial cartografado como máquina abstrata de rostidades. A metodologia utilizada fundamenta-se nas teorias pós-críticas e as ferramentas de produção dos dados foram o diário de campo e o estatuto do Grêmio Estudantil. O campo conceitual compõe-se de autores como: Deleuze, Guattari, Rolnik, Kastrup, Filordi de Carvalho, Gallo, Carvalho e Ferraço. A cartografia mostrou que o Grêmio Estudantil assume a rostidade participativa como norma e a torna o rosto elementar a partir do qual se produzirá a rostidade não participativa. O território existencial cartografado, reproduz o projeto normalizador do currículo à medida que funciona como máquina abstrata de rostidades.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Currículo. Rostidades.

1 INTRODUÇÃO

O aporte teórico que compõe o campo conceitual mobilizado nesta pesquisa constitui-se por obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012a; 2012b; 2013), sobretudo no que tange aos conceitos de rostidade, máquina abstrata de rostidade e sociedade de controle. Suely Rolnik (2016) para conceituar territórios existenciais, Alexandre Filordi de Carvalho (2013) para problematizar a escola como maquinaria biopolítica de produção de rostidades e Janete Magalhães Carvalho e Carlos Eduardo Ferraço (2014) para pensar o currículo como produtor e reproduzidor de rostidades no cotidiano escolar.

A seguir é apresentado um decalque do mapa desenhado na cartografia. O uso da decalcomania é feito sabendo que um decalque “[...] é antes como uma foto, um rádio que começaria por eleger ou isolar o que ele tem a intenção de reproduzir (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 31), mas a justificativa para seu uso é a e estruturação do trabalho visando apresentá-lo de modo conciso aos leitores.

Na seção 2 são apresentadas as concepções de escola e currículo adotadas neste trabalho contextualizando-as à contemporaneidade e relacionando-as à produção de subjetividades e à máquina abstrata de rostidades, conceito formulado por Deleuze e Guattari (2012a). Na seção seguinte, discorre-se acerca das aproximações do pesquisador ao campo de pesquisa e apresenta-se a cartografia como estratégia metodológica para acompanhar os processos de produção de rostidades na escola. Além disso, o conceito de território existencial é apresentado e relacionado ao Grêmio Estudantil cartografado. Na seção posterior, a partir das análises parciais dos dados, busca-se alcançar o objetivo traçado.

Para tanto, problematiza-se o Grêmio Estudantil como máquina abstrata de rostidades que opera na produção de um rosto elementar a partir do qual rostos outros serão produzidos em relação biunívoca relacionando ao projeto normalizador do currículo. Na última seção são apresentadas algumas considerações acerca das análises empreendidas.

2 A ENGENHAGEM MESTRA DA MAQUINARIA ESCOLAR

Se, como escrevem Varela e Alvarez-Uria (1992), a escola é uma maquinaria inventada na Modernidade, com o objetivo de produzir subjetividades alinhadas às necessidades do Capitalismo Industrial, quais sejam, subjetividades dóceis e úteis, como escreve Foucault (2007), há que se pensar o currículo como uma importante engrenagem dessa maquinaria, cuja matéria prima é o corpo.

Partindo dessa concepção de escola, adota-se, neste trabalho, a concepção curricular formulada pelas teorias pós-críticas, pois elas se aproximam da concepção de escola acima apresentada à medida que “[...] estão preocupadas com as conexões entre saber, identidade e poder (SILVA, 2007, p. 16) e tentam investigar e problematizar as formas como as relações de saber-poder produzem identidades no cotidiano escolar.

É neste sentido que a noção pós-crítica de currículo apresenta aproximações ao conceito de máquina abstrata de rostidades formulado por Deleuze e Guattari (2012a). “[...] uma máquina de rostidade sobrecodifica o corpo e mesmo a cabeça [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, 245). A função da máquina de rostidades é “dizer o que é”, atribuir um significado a partir de um rosto elementar, uma referência a partir da qual os demais rostos serão produzidos. “[...] a máquina procederá à constituição de uma unidade de rosto, de um rosto elementar em correlação biunívoca com um outro: é um homem ou uma mulher, um rico ou um pobre, um adulto ou uma criança, um chefe ou um subalterno, ‘um x ou um y’” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 49). Por isso, pode-se pensá-la como um mecanismo de captura e controle dos devires minoritários que afrontam os modelos arborescentes majoritários aos quais todos devem convergir. Minoritário e majoritário não se referem a quantidades, “O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades...Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo” (DELEUZE, 2013, p. 218). Percebe-se uma aproximação, no que se refere à produção de subjetividades, entre a concepção pós-crítica de currículo, que o entende como um “[...] espaço de significação [...] estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais” (SILVA, 1999, p. 27) e a máquina abstrata de rostidades.

Na instituição escolar a atuação sobre o corpo opera de diferentes maneiras, desde a fragmentação dos espaços e separação dos indivíduos em carteiras, delimitando os lugares próprios a si e aos outros, à fragmentação dos tempos. Tempo de estudar matemática, tempo de estudar artes, tempo de recreio, tempo de fazer atividades, tempo de fazer avaliações, tempo de fazer exercícios físicos, tempo de comer, tempo de fazer a higiene, tempos. A fragmentação e organização linear dos conhecimentos em disciplinas também é uma forma de atuar sobre os indivíduos produzindo modos específicos de raciocínio que privilegiam a ordem mental e social em vigor à medida que produzem subjetividades alinhadas aos seus interesses.

A fragmentação dos espaços, tempos e conhecimentos produz indivíduos também fragmentados que desenvolverão as formas “certas” de raciocínio, formas que interessam à cosmovisão vigente e, por isso, não representarão ameaça ao projeto em causa, haja vista que suas forças estão mobilizadas em prol dele.

A ideia de uma organização sequencial linear e natural dos “fragmentos” permite que a prática do ensino detenha-se nas subjetividades da criança. Quando o conhecimento é considerado estável e hierárquico, o propósito do ensino torna-se organizar e reorganizar o modo como as crianças pensam e raciocinam (POPKIEWITZ, 2001, p. 106).

Quando se toma como propósito do ensino a organização e reorganização do modo como as crianças pensam e raciocinam sem questionar os conhecimentos considerados estáveis e hierárquicos, o currículo funciona como um “[...] aparelho de Estado que procede por Um-dois, distribui as distinções binárias e forma um meio de interioridade. É uma dupla articulação que faz do aparelho de Estado um *estrato*” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 12 grifo do original). Dito de outro modo, o currículo, por ser resultado de uma seleção, como argumenta Silva (2007), opera segundo uma lógica binária que pressupõe a inclusão de alguns e a exclusão de outros, como demonstra Popkewitz (2001). Diante disso, pode-se pensar que “O currículo é um aparelho ideológico do Estado capitalista. O currículo transmite a ideologia dominante. O currículo é, em suma, um território político” (SILVA, 2007, p. 148). A ideologia dominante, privilegiada pelo currículo, pressupõe um conjunto limitado de modos de existir, de fazer, de pensar, de sentir. Por isso, o currículo é, como aponta Silva (2007), consequência de uma seleção. Esses modos específicos de existir, fazer, pensar, sentir, participar, compõem o “rosto elementar” que o currículo deve decalcar nos estudantes e professores, funcionando como máquina abstrata de produção de rostos que devem sobrecodificar a todos, invariavelmente, via processos de normalização que imprimem subjetividades, e,

Conceber o currículo como modo de subjetivação implica analisar seus conhecimentos, linguagens, formas de raciocínio, ciências, tipos de experiência, técnicas normativas, enquanto vinculados às relações de saber e de poder que atravessam os corpos para gravar-se nas consciências (CORAZZA, 2001, p. 57).

O currículo, portanto, não é neutro, pois tem por objetivo produzir as subjetividades necessárias à manutenção da ordem social e mental vigente. Para tanto, mobiliza processos de normalização, o que pressupõe uma referência, uma rostidade elementar a partir da qual os indivíduos serão normalizados, sujeitados. Essa referência, não por acaso, coincide, como escreve Silva (2007), com a ideologia dominante. A partir dos indivíduos normalizados, identifica-se e marca-se aqueles que não se normalizaram, como os “outros”, aqueles a quem se precisa “salvar”, como assinala Popkewitz (2001). Nesta perspectiva, o currículo, tal qual a máquina abstrata de rostidades, opera a partir de uma lógica binária (isto ou aquilo) e funciona como um decalgador de rostidades avalizadas. A partir dessas rostidades construídas e colocadas como legítimas, são produzidas, em oposição, as rostidades não avalizadas. Como consequência desse binarismo, a escola promove a inclusão de alguns e a exclusão de outros, conforme argumenta Popkewitz (2001).

Considerar a escola uma invenção da Modernidade implica admitir que ela emerge em um modelo social que Foucault (2007) identifica como sociedade disciplinar. Neste modelo de sociedade, as instituições, dentre elas, a escola, foram inventadas com o intuito de investir sobre os corpos por meio do seu confinamento e disciplinamento, “Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra Mundial: sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser” (DELEUZE, 2013, p. 223-224), em seu lugar, começa a ganhar corpo um novo modelo de sociedade que Deleuze (2013) chama de sociedade de controle.

Se a escola é uma instituição inventada para produzir as subjetividades que vão legitimar a ordem mental e social vigente em cada tempo, a mudança dessa ordem, implica, também, um recalibramento dos objetivos da escola para que se adeque ao novo modelo social. Assim, “Do indivíduo sujeitado no registro disciplinar, passamos a enfrentar a realidade do grupo sujeitado no âmbito da biopolítica dentro da escola” (CARVALHO, 2013, p. 6), isto é, a instituição escolar passa a exercer o poder sobre o conjunto dos indivíduos, sobre a população e “Esta população não se dá por geração espontânea. Ela é engendrada de modo artificial, tal como foi feito do indivíduo” (CARVALHO, 2013, p. 11). Em vez de corpos dóceis politicamente e úteis economicamente, como escreve Foucault (2007), a escola passa a produzir “[...] a reunião dos indivíduos por níveis de normalização, pela correta distribuição deles em coletividades úteis [...]” (CARVALHO, 2013, p. 11-12). Destarte, falar em cotidiano escolar na contemporaneidade, implica falar de uma maquinaria biopolítica inserida na sociedade de controle. “[...] a escola é um conversor do poder biopolítico, pois os indivíduos não finalizarão sua rostidade coincidindo com o término de suas formações escolares. Trata-se, doravante, da escolarização da existência: formação continuada sem limites” (CARVALHO, 2013, p. 21).

Diferente da sociedade disciplinar, na sociedade de controle a vigilância e controle transcendem os muros institucionais e se fazem em todo lugar e a todo momento. Nesta nova perspectiva, a instituição escolar, e, portanto, o currículo, precisam operar de modo mais preciso, em vez do disciplinamento, a participação. Por isso, deixa-se falar, deixa-se participar, mais que isso, encoraja-se e cobra-se a participação de todos por meio de um sistema meritocrático que recompensa quem participa e coage quem não participa. É por meio da participação que as forças podem ser canalizadas, os devires podem ser conduzidos pelos espaços estriados, “[...] espaço instituído pelo aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 192), e, assim, controlados, despotencializados. A participação possibilita que as linhas de fuga sejam rapidamente identificadas e reterritorializadas em linhas molares que “[...] formam um sistema arborescente, binário, circular, segmentário” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 234). As linhas molares capturam os devires conformando-os em contornos conhecidos, em subjetividades avalizadas, passíveis de controle, de governo. A participação é uma forma de incluir e fazer participar dentro de fronteiras bem delineadas e

permitidas e transforma espaços lisos em estriados, pois “[...] o espaço é constantemente estriado sob a coação de forças que nele se exercem” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 228), forças que orientam e encorajam a participação, mas somente em empreendimentos avalizados, “estrias” riscadas pelos interesses estatais. A participação funciona como uma potente estratégia que reorienta práticas, condutas, comportamentos e pensamentos, canalizando os fluxos de devires pelas estrias marcadas que os direcionam para finalidades que não afrontam a ordem mental e social vigente possibilitando um controle ainda mais eficaz. Pensando no cotidiano escolar, a participação pode acontecer de diversas formas, neste trabalho, focaliza-se a participação dos estudantes por meio do Grêmio estudantil a fim de problematizá-lo como máquina abstrata de produção de rostidades.

A despeito de todo esse controle, tudo escapa, tudo foge, Deleuze escreve que a sociedade, mesmo atravessada por inúmeras linhas molares, de estratificação, define-se “[...] menos por suas contradições que por suas linhas de fuga, ela foge por todos os lados, e é muito interessante tentar acompanhar em tal ou qual momento as linhas de fuga que se delineiam” (DELEUZE, 2013, p. 216). O poder não pode tudo conter, os devires proliferam e escapam e à medida que vão escapando, vão sendo recapturados pela máquina abstrata de rostidades que ao significá-los neutraliza sua potência criadora.

3 GRÊMIO ESTUDANTIL, UM TERRITÓRIO A CARTOGRAFAR

Os incômodos do pesquisador com a escola enquanto instituição o levaram ao seguinte questionamento: cotidiano escolar, currículo e rostidades, o que está acontecendo ali? O problema de pesquisa foi elaborado na forma da pergunta cartográfica “o que está acontecendo ali?”, pois a investigação compõe uma cartografia e entende-se que “A atitude do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um ‘vamos ver o que está acontecendo’, pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto (KASTRUP, 2009, p. 45). Munido desta problemática, a entrada no campo se deu no dia 06 de novembro de 2017. A escola pesquisada conta, atualmente, com 1065 estudantes matriculados e o corpo docente é formado por 27 professores efetivos e 20 admitidos em caráter temporário. A equipe gestora é composta por 1 diretor, 2 assessores de direção, 3 assistentes técnicos pedagógicos e 2 assistentes educacionais. As informações foram fornecidas pela secretaria da instituição e se referem ao ano de 2018.

No dia em questão, as movimentações na instituição eram intensas, pois estavam em vias de realizar o maior evento anual da escola. O aludido evento já é tradicional e tem grande repercussão na cidade, tendo espaço garantido nas mídias televisivas, radiofônicas e impressas locais e sendo muito prestigiado pela comunidade escolar.

As celebrações em torno do mês da consciência negra, os preparativos para o evento e a euforia pelas férias iminentes transformaram a rotina da escola. Os diferentes espaços como pátio, corredores, refeitório, salas de aula, banheiros, biblioteca e auditório foram desterritorializados de suas funções habituais e reterritorializados como palcos, camarins, teatros, oficinas, ateliês, vestiários, estúdios musicais. Não só os espaços foram reterritorializados, professores, gestores, funcionários e estudantes devinham diretores de cena e produtores e atores e cantores e compositores e poetas e dramaturgos e construtores e marceneiros e bailarinos e artesãos e coreógrafos e maquiadores e decoradores e técnicos de som, enfim, múltiplos fluxos, um manancial de devires. Em pouco tempo, a atenção do cartógrafo foi capturada pela movimentação dos diversos grupos que se distribuíam por diferentes espaços da escola ocupando-se de tarefas distintas, mas todas relacionadas às celebrações do mês da consciência negra e aos preparativos do evento a se realizar na semana seguinte. Todos engajados, participativos. Delineou-se a primeira linha da cartografia, os territórios existenciais. “O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

No segundo dia habitando o campo de pesquisa, os preparativos para o evento continuavam. Observou-se um grupo de estudantes envolvidos com a construção de uma cela. Curiosamente, nenhum adulto detentor de autoridade docente os comandava, eles planejavam e executavam a obra sozinhos. Munidos de ripas de bambus, arames e alicates eles construíam a cela que seria utilizada para fazer a brincadeira da cadeia durante o evento. A brincadeira é muito comum em festas juninas na região e foi a forma que o grupo encontrou para arrecadar dinheiro. Uma das gestoras, que passava pelo corredor naquele momento, percebeu que o pesquisador observava os jovens e veio em sua direção. Ela disse que os estudantes envolvidos com a construção da cela eram integrantes do Grêmio Estudantil e que eram excelentes alunos, muito dedicados e prestativos. A composição dos mapas levou à seguinte questão: que está acontecendo ali?

Entre os vários territórios existenciais mapeados na instituição escolar, o território composto pelos integrantes do Grêmio Estudantil capturou a atenção do pesquisador, então, partindo da pergunta cartográfica “o que está acontecendo ali?”, habitou-se aquele território existencial visando traçar uma cartografia, a fim de acompanhar os processos em acontecimento.

O Grêmio é composto, atualmente, por 53 estudantes oriundos dos três turnos e a gestão do grupo é escolhida via eleições diretas na qual concorrem diferentes chapas. A organização interna do grupo é feita por meio de diversos cargos previstos em um estatuto que rege o funcionamento do órgão colegiado investigado.

O pesquisador habitou o território e acompanhou a agenda mensal de reuniões e atividades que realizavam pela, e para a, escola. Esse procedimento se fez necessário, pois “Para habitar um território existencial é preciso um processo de aprendizado, entendido mais como experiência de engajamento do que como etapas prescritíveis de uma metodologia de pesquisa. Experiência que só se dá à medida que se realiza, sem pré-condições” (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 147).

Os jovens pareciam se reunir, naquele coletivo, segundo interesses específicos em determinadas atividades comumente realizadas pelo Grêmio Estudantil. O que permite esse tipo de agrupamento é “[...] o fato de que as intensidades experimentadas [...] em seu encontro compuseram um *plano de consistência*. Um plano em que seus afetos tomaram corpo, literalmente, delineando um *território* [...]” (ROLNIK, 2016, p. 32 grifos do original). O Grêmio compunha um território de intensidades no seio da maquinaria escolar e era preciso traçar novas linhas, cartografar.

Composição Fotográfica 1 – trabalho em grupo



Fonte: os autores (2017)

As primeiras aproximações que precederam a entrada do pesquisador naquele território existencial se fizeram por meio de uma conversa com Paulo, o presidente do Grêmio. O nome é um pseudônimo atribuído pelo pesquisador a fim de garantir o anonimato do participante da pesquisa que concordou, empolgado, em participar da investigação. Obtida a anuência do presidente era necessário conversar com os

demais membros a fim de ser aceito naquele território. Ao saber sobre a pesquisa, o grupo acolheu o pesquisador que, por sua vez, passou a acompanhar todas as reuniões que aconteciam nos três turnos, matutino, vespertino e noturno, e duas vezes ao mês, em datas pré-definidas.

Composição Fotográfica 2 – reuniões da diretoria



Fonte: os autores (2018)

Durante o período de imersão cartográfica, em duas ocasiões, Paulo convocou reuniões extraordinárias, pois o grupo estava muito envolvido com os processos de ingresso de novos integrantes no Grêmio, haja vista que muitos participantes concluíram o Ensino Médio e deixaram a escola no final de 2017.

A admissão de novos integrantes demandou a participação de todos e o pesquisador acompanhou esses processos. Inicialmente o grupo fez algumas reuniões nas quais participaram somente os membros da diretoria para o planejar as ações. Em seguida, divulgaram nas salas a possibilidade de ingresso no grupo e a data da assembleia geral, na qual explicariam o que é um grêmio e os critérios para participar. A assembleia foi feita no auditório da escola e Paulo apresentou o Grêmio, explicou o que é uma agremiação e explanou sobre as regras do estatuto e sobre os cargos existentes e vagos naquele momento. Por fim, Paulo atendeu um a um em sua mesa perguntando sobre o cargo que desejariam ocupar, esclarecendo o que cabia ao cargo escolhido e efetuando a assinatura do contrato

Composição Fotográfica 3 – admissão de novos integrantes



Fonte: os autores (2018)

Os movimentos cartografados pelo pesquisador dispararam novamente a pergunta: o que está acontecendo ali?

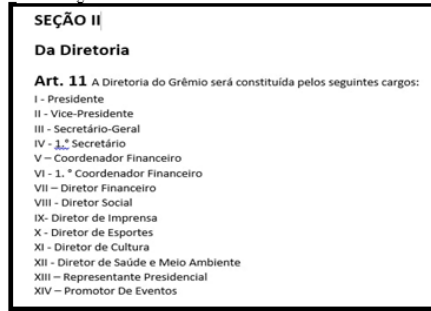
4 O ROSTO DO CRISTO NO GRÊMIO ESTUDANTIL

Como explanado anteriormente, este trabalho considera a escola uma maquinaria de produção de subjetividades inserida na sociedade de controle. Nesse modelo de sociedade, o governo vai bem além do encerramento dos corpos em carteiras e do seu enclausuramento em salas de aulas. Além disso, os processos de constituição de subjetividades ultrapassam os espaços de confinamento e cedem lugar às “[...] formas de controle contínuo, avaliação contínua e a ação da formação permanente sobre a escola [...]” (DELEUZE, 2013, p. 229). A sociedade de controle investe, também, na participação dos indivíduos, visto que isso possibilita canalizar as intensidades às finalidades predeterminadas.

Na sociedade de controle, mais importante que disciplinar os corpos é direcionar suas forças, os devires minoritários pelos espaços estriados, “[...] espaço instituído pelo aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 192). Esse direcionamento é importante, pois é impossível conter os fluxos ininterruptos de devires, como escreve Deleuze (2013). Neste sentido, o controle visa conduzi-los para controlá-los, e, também, rostificá-los, o que permite classificá-los hierarquicamente. Esses processos de direcionamento dos fluxos visam incluir as minorias às maiorias minando sua potência de resistência. Reitera-se que os termos minoria e maioria não são determinados por dados quantitativos. Maioria alude aos modelos sociais, às estratificações e minoria refere-se aos devires, aquilo que escapa, o que pode, conforme escreve Deleuze (2013).

Diante disso, retoma-se a pergunta: cotidiano escolar, currículo e rostidades: o que está acontecendo ali? Seguindo as pistas encontradas na cartografia, chegou-se ao Grêmio Estudantil e à necessidade de problematizá-lo como máquina abstrata de produção de rostidades no cotidiano escolar. Habitando o território existencial em questão, verificou-se que a forma de organização do grupo é arborescente e a participação dos membros é condicionada a um dos cargos criados unilateralmente pelo presidente. Os cargos foram criados a partir de modelos de estatutos de agremiações estudantis que ele pesquisou na *internet* e utilizou como referência para produzir o documento do grupo, que não participou dessa construção. O estatuto foi apresentado aos membros em março de 2018.

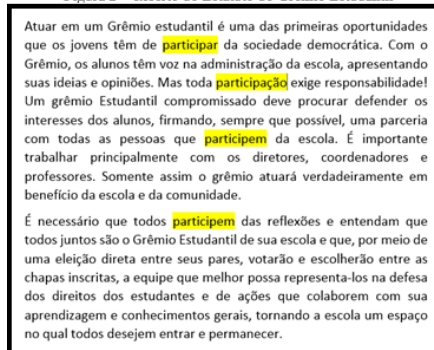
Figura 1 – excerto do Estatuto do Grêmio Estudantil



Fonte: Estatuto do Grêmio Estudantil (2018)

É possível inferir, deste excerto do estatuto, que há, no interior do Grêmio, a reprodução de uma macropolítica, isto é, de um modelo majoritário de organização empresarial que produz uma estratificação hierárquica à medida que atribui funções de gestão a cada participante. A função dos cargos é incluir e enquadrar devires minoritários em modelos hegemônicos, fazê-los fluírem pelas estrias. Participar sim, mas dentro dos modelos avalizados que garantem certa previsibilidade e facilita o controle. A importância conferida à participação no Grêmio Estudantil cartografado se evidencia, também, no excerto do estatuto abaixo.

Figura 2 – excerto do Estatuto do Grêmio Estudantil



Fonte: Estatuto do Grêmio Estudantil (2018)

Em apenas dois parágrafos do Estatuto, o verbo participar e suas variações aparecem quatro vezes indicando a importância dada à participação no território habitado e cartografado. A importância conferida pelo grupo à participação está em consonância com o modelo de democracia participativa, o que, por sua vez, remete à sociedade de controle, na qual a participação é o modo pelo qual se canalizam as forças e as colocam a serviço dos interesses estatais. “Os chamados direitos do cidadão à participação traduzem o anseio por inclusão na maioria” (TÓTORA, 2006, p. 242-243) e ao incluir-se as minorias nos modelos hegemônicos, os devires minoritários são despotencializados, normalizados, à medida que são funcionalizados e, assim, controlados.

O funcionamento da sociedade de controle se evidencia no Grêmio Estudantil quando se analisa os critérios utilizados para selecionar quem pode e quem não pode ser membro oficial do grupo, a “participação” e a “não participação”, conforme se infere do diálogo abaixo transcrito. A expressão “membro oficial” é utilizada por Paulo (o presidente) para referir-se àqueles que participam. O diálogo foi gravado com a autorização do grupo em uma das reuniões nas quais discutia-se o ingresso de novos integrantes. Os nomes são pseudônimos atribuídos pelo cartógrafo a fim de assegurar o sigilo de suas identidades.

[...]

Samanta: só que nós temos que **selecionar bem** né.

Paulo: sim, muito bem.

Samanta: por que no ano passado tinha muita gente e **ninguém quase fazia nada**.

Paulo: por isso, por isso, por isso que eu criei um **negocinho** que eu vou explicar pra vocês. [...] **p sócio, não é um cargo oficial do Grêmio. É um grupo dentro do Grêmio, só que não faz parte, não é oficial, ele não vai assinar ata, não vai fazer nada. Olha, oh, são direitos dele, não é obrigação: participar de todas as atividades do Grêmio, votar e ser votado, observadas as disposições deste estatuto, encaminhar observações, moções e sugestões à diretoria do Grêmio, a nós né, propor mudanças e alterações parciais ou totais neste estatuto. Ele não é obrigado a participar. O sócio do Grêmio é o seguinte: ah vai ter uma reunião lá e tal, ele vai tá no grupo do Grêmio, por que, meio que ele vai participar do Grêmio, só que não vai ser oficial. Ah vai ter uma reunião lá? Eu não vou, eu vou...os oficiais vão ter que dizer: não eu vou ir, não eu não vou ir, o sócio não precisa, por que é uma pessoa que já não participa então, bota ele de sócio e quando tiver um evento ele vai ajudar. Quando tiver um evento se a gente precisar de ajuda ele vai tá lá ajudando, ele pode ajudar. Ah teve alguma reunião ele se dispôs a vim? Ele vai vim, ele vai participar, ele vai votar, vai tá ali junto com a gente só que não vai ser oficial.**

[...]

Samanta diz: “temos que **selecionar bem** [...] por que no ano passado tinha muita gente e **ninguém quase fazia nada**” Uma seleção sempre opera por algum critério. Seleciona-se “a partir de”, portanto, parte-se de uma referência. Neste caso, o critério é a participação. Quando Samanta diz que **ninguém quase fazia nada**, está dizendo que **quase ninguém participava**, e, por esta razão, ela avalia ser necessário **selecionar bem** os novos integrantes. Logo, a referência utilizada no critério de seleção é a **rostidade privilegiada** naquele território, a **rostidade “participativa”**, este é o rosto do Cristo, o rosto elementar no Grêmio e “O rosto elementar, que **rostifica** o corpo, nos constitui como unidade para, então, nos implicar em relações binárias e dicotômicas” (CARVALHO; FERRAÇO, 2014, p. 148 grifo do original). Isto é, o “rosto do Cristo”, a **rostidade elementar**, é posta como modelo e as demais **rostidades** serão confrontadas com ela e passarão, ou não.

Se o rosto é o Cristo, quer dizer o Homem branco médio qualquer, as primeiras desvios, os primeiros desvios padrão são raciais: o homem amarelo, o homem negro, homens de segunda ou terceira categoria. Eles também serão inscritos no muro, distribuídos pelo buraco. Devem ser cristianizados, isto é, **rostificados** (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 50).

Dito de outro modo, a partir da rostidade "participativa", o Grêmio operacionaliza a produção da rostidade correlata, a "não participativa", que não passará. O Grêmio Estudantil, ao funcionar como máquina abstrata de produção de rostidades, visa "[...] assegurar a normalidade por exclusão, detectando as faces que se desviam do modelo, com vistas de encontrar a suscetibilidade de serem identificadas com o modelo, ou de excluí-las, caso não seja possível *rostificá-las*" (CARVALHO; FERRAÇO, 2014, p. 151 grifo do original). A fala de Samanta expressa claramente uma seleção feita a partir dos traços de rostidade expressos por cada estudante e "[...] a máquina abstrata de rostidade assume um papel de resposta seletiva ou de escolha" (DELEUZE; GUATTARI, 2012a p. 49). No caso do Grêmio, conforme se infere do excerto de um diálogo transcrito acima, aqueles cujos traços específicos de rostidade estão em consonância com a rostidade elementar do grupo, a "participativa", são chamados a ocuparem um dos cargos da diretoria. Já aqueles, cujas rostidades escapam do molde, também são incluídos ao grupo, são inscritos no muro e cristianizados, rostificados, como escrevem Deleuze e Guattari (2012a), mas o rosto para aqueles que não participam é o do "sócio", função criada pelo presidente para incluir e rostificar aqueles cujos traços de rostidade desviam do rosto do Cristo. Todos devem ser rostificados, pois o rosto permite significar para conhecer e controlar. Deleuze e Guattari escrevem que "Qualquer que seja o conteúdo que se lhe atribua, a máquina procederá à constituição de uma unidade de rosto, de um rosto elementar em correlação biunívoca com um outro" (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 49). Nesse sentido, o Grêmio Estudantil, ao classificar as rostidades a partir de uma rostidade elementar, a participativa, atua como máquina abstrata de rostidades. Essa mecânica pode ser inferida, também, do excerto de outro diálogo transcrito a seguir:

[...]

Carlos: *por exemplo, o Pedro, o Pedro quer entrar.*

Paulo: *mas não dá.*

Samanta: *é, só que ele já falou pra mim, dentro do ônibus, que ele vai entrar só pra dizer que é do grêmio pra ficar saindo de dentro da sala. E eu falei pra ele que não podia e ele falou: não eu vou entrar e eu vou sair de dentro da sala. Eu acho que uma pessoa assim não adianta.*

Priscila: *não adianta mesmo.*

[...]

O Grêmio, operando como máquina de rostidades, não deixa passar a rostidade de Pedro. "Dado um rosto concreto, a máquina julga se ele passa ou não passa, se vai ou não vai, segundo as unidades de rostos elementares" (DELEUZE, GUATTARI, 2012a, p.49). A rostidade de Pedro não passa, pois constitui uma desviação em relação ao rosto do Cristo, está em desacordo com a rostidade "participativa" e "A máquina de rostidade é um detector de desvios e, por isto mesmo, um elemento de reimpressão ou de decalque dos valores que devem preponderar" (CARVALHO, 2013, p. 17). Para ser aceito naquele território existencial, como um "membro oficial", Pedro deverá deixar-se sobrecodificar pela rostidade "participativa", conforme se infere do diálogo abaixo:

[...]

Carlos: *ai...então faz assim oh, dá uma chance pra ele, por que minha sala é bem na frente da sala dele e ele não vai ficar saindo toda hora. Eu sento bem na frente*

da porta se ele sair eu vou conseguir ver.

Priscila: *dá uma chance pra ele.*

Paulo: *mas de sócio né?*

Carlos: *é, sócio.*

[...]

Carlos sugere que o grupo dê uma chance a Pedro. A chance é para que ele conflua para as linhas molares, torne-se participativo e conquiste, assim, o direito de ser um "membro oficial" do Grêmio. Pedro será incluído, mas como "sócio", cargo criado para aqueles que, nos dizeres de Paulo, "não participam". A despeito disso, Pedro pode vir a se tornar um "membro oficial", contanto que assuma os traços de rostidade específicos, o rosto do Cristo, a rostidade "participativa". Para assegurar que Pedro esteja em consonância com tal rostidade, a vigilância sobre ele será constante, o que fica evidente quando Carlos diz que se Pedro sair da sala ele conseguirá ver. Pedro será vigiado para além da sala de aula na qual está enclausurado e a vigilância constante, à qual ele será submetido, remete à sociedade de controle, como escreve Deleuze (2013).

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os mapas cartografados permitem inferir que o Grêmio Estudantil, uma produção do currículo, atua como uma eficaz máquina binária de produção de rostidades, à medida que funciona como um decalador de um rosto elementar, o rosto "participativo" a partir do qual surgirá outros em relação de biunivocidade em um processo que produzirá efeitos de poder sobre os corpos rostificados tornando alguns estudantes aptos a participar e outros não. Ao operar uma seleção dos novos integrantes tomando por base um rosto elementar, o Grêmio Estudantil passa a funcionar como um detector de desvios. Os indivíduos, cujos traços de rostidade coincidem aos do rosto do Cristo, estão legitimados a ocupar uma das funções de gestão representadas por um dos diversos cargos criados pelo presidente. Já os indivíduos, cujas rostidades destoam do rosto elementar, o "participativo", são incluídos ao grupo, mas classificados como "sócios", o rosto produzido para sobrecodificar os integrantes que não participam. Vê-se, portanto, que o Grêmio Estudantil, a despeito de opor resistências, também opera na reprodução do projeto normalizador do currículo, como escreve Popkewitz (2001).

O território cartografado configura um rizoma de multiplicidades que se compõe por majorias e minorias, por linhas molares, moleculares e de fuga e uma sociedade define-se "[...] menos por suas contradições que por suas linhas de fuga, ela foge por todos os lados, e é muito interessante tentar acompanhar em tal ou qual momento as linhas de fuga que se delinham" (DELEUZE, 2013, p. 216). Assim, a fim de atuar na captura das linhas de fuga e visando fazê-las confluir às linhas molares, a maquinaria escolar, por meio do currículo, operacionaliza aparelhos como o Grêmio Estudantil que a partir da participação dos indivíduos em um projeto comum e que não ofereça riscos ao projeto normalizador da escola, garantirá que os devires minoritários sejam incluídos às majorias, conduzindo-os pelas estrias estatais e neutralizando-os.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: ESCÓSSIA, Líliliana da; KASTRUP, Virgínia;

PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. A escola: uma maquinaria biopolítica de rostidades?. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 20, p. 4-29, 2013.

CARVALHO, Janete MC; FERRAÇO, Carlos Eduardo. A rostidade da figura do professor e do aluno por entre os muros da escola: docência e práticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 14, n. 3, p. 143-159, 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?**: pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012a. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012b. v. 5.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GALLO, Silvio. Do currículo como máquina de subjetivação. In: CARVALHO, Janete; FERRAÇO, Carlos Eduardo (Orgs) **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ. DP et Alii; Vitória, ES: Nupec/UFES, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: ESCÓSSIA, Líliliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 32-51, 2009.

POPKEWITZ, Thomas S. **Lutando em defesa da alma**: a política do ensino e a construção do professor. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

TÓTORA, Silvana. Democracia e sociedade de controle. **Verve. Revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 10, 2006.